



**Luiz
Puntel**

Onde é o quarto de despejo da cidade?

Leitores escolarizados, quais as chances de uma catadora de papel das 99 favelas de nossa cidade escrever um livro? Nenhuma? E se essa catadora for negra, mãe solteira e, de quebra, com três crianças para dar de comer? Nenhuma chance vezes três? Nem Walt Disney pensou nesse “conto de fadas”?

No entanto, houve uma favelada que escrevia romances, diários e... sambas! Nascida na década de 40, em Sacramento, um cadim pra lá da fronteira com Minas, passou por Ribeirão Preto e foi parar em São Paulo. Lá, trabalhou na casa do dr. Zerbini, o primeiro médico a realizar transplante de coração na América Latina, e também na casa dos Matarazzo, mas, por uma série de motivos, foi engrossar as estatísticas da favelização populacional.

Com apenas dois anos de escolaridade, essa mulher tinha na leitura e na escrita sua válvula contra as agruras da fome, do descaso público, da exclusão social. Escrevia compulsivamente para registrar o seu e o drama dos moradores da favela Canindé, em São Paulo.

Descoberta na década de 60, Carolina Maria de Jesus teve um de seus diários editado e publicado pelo jornalista Audálio Dantas, falecido há um mês. Lembremos que, há 60 anos, não havia redes sociais e a TV era um móvel esquisito, que funcionava à noite, quando funcionava. Mesmo assim, o sucesso editorial foi estuendo. Em dias, o diário “Quarto de Despejo” vendeu mais de 10 mil exemplares, sendo traduzido para 14 línguas e publicado em mais de 40 países.

Este ano, a **Unicamp** elencou, na lista dos livros, o diário de Carolina. Será uma oportunidade para os jovens conhecerem a força do texto de uma favelada que marcou uma geração. Crítica, escreveu em maio de 1958, 70 anos após a Abolição: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” Em outro trecho: “A cidade é a sala de visita, com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.”

Este ano, a **Unicamp** elencou, na lista dos livros, o diário de Carolina. Será uma oportunidade para os jovens conhecerem a força do texto de uma favelada que marcou uma geração